

al.ama

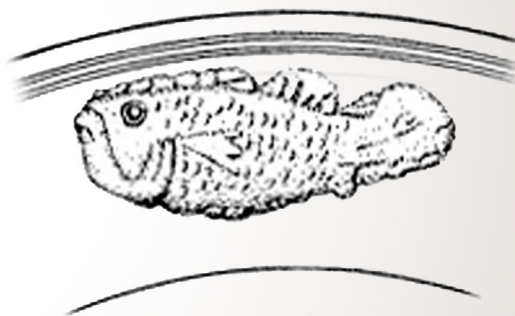
ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#24 (tomo 2) Jul. 2021

O MUNDO ANIMAL NA ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA



**Boas e más práticas
na actividade arqueológica**

**Por que precisam o(a)s
arqueólogo(a)s de teoria
arqueológica nas obras?**

**A inteligência
artificial na identificação
de artefactos cerâmicos**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

O Mundo das Antiguidades Arqueológicas

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Confesso o meu fascínio pelas antiguidades arqueológicas que – pelos mais diversos caminhos – entram no mercado de antiguidades. Com frequência, no passado, chegavam elas ao conhecimento de arqueólogos clarividentes, que as compravam e diligenciavam depois para que não saíssem de Portugal e, inclusive, fossem enriquecer o espólio dos museus. José Leite de Vasconcelos foi, entre outros, paladino em salvaguardar, desta sorte, o que se lhe antojava autêntico e/ou digno de preservação. E o tesouro do Museu Nacional de Arqueologia aí está a comprová-lo.

O problema reside, obviamente, na autenticidade, porquanto as peças mais sedutoras são, sem dúvida, as mais apetecidas e contrafeitas!

Contudo, não é difícil perceber que, também neste domínio, valerá a pena não adoptar posições radicais. Recordo o que se passou com André de Resende: inscrição que só viesse mencionada por ele era, à partida, considerada forjada, com intenção de enaltecer a bravura dos Portugueses e as excelsas qualidades históricas da sua Évora. Hoje, os investigadores acabam por ter mais cautela e, por outro lado, também esses textos forjados constituem uma fonte histórica a ter em conta! O aforismo popular “*não há fumo sem fogo!*” pode cabalmente aplicar-se.

Dei conhecimento, a 2 de Janeiro de 2021, através da *Archport*, do texto do médico Cândido Ferreira, cujas posses têm sido, por opção própria, investidas na aquisição de artefactos arqueológicos que lhe chegam às mãos. Mostrava, concretamente, a fotografia da escultura de “*uma deusa da fertilidade, em alabastro, encontrada em Abrantes*”; a imagem de uma peça a representar um “*mamute, raríssima, talvez única no mundo que não é de osso ou marfim, encontrada em Sintra*”; o mostruário de quase uma centena de microlitos paleolíticos, prontos a sair do País, achados na foz de um rio, numa extracção de areias a trinta metros...

E no princípio do mês de Abril deste ano de 2021, Cândido Ferreira deu conta de lhe ter chegado às mãos, no dia 7, um ‘medalhão romano’, de lápis-lazúli, de cerca de 15 centímetros com a efigie de um imperador: “*Na posse de um privado há dezenas de anos, entrava nesse mesmo dia no mercado*”.

Comprou-o. Imperador romano? Magnata ou homem de letras do Renascimento ou, mais provavelmente, neoclássico, do século XVIII? Posto o assunto à discussão internacional, concluiu-se que poderia tratar-se de um camafeu renascentista, de que se conheciam exemplares semelhantes.

Advoga-se sempre a possibilidade de se proceder à análise laboratorial. Poder-se-á, por conseguinte, citar o caso de uma coroa (ou capacete) de ouro que Joaquim Pessoa quis oferecer a um museu nacional português, juntamente com mais cinco artefactos de ouro procedentes do mesmo achamento, nos arredores de Castro Verde (Guerreiro). Recusaram liminarmente a oferta, com o argumento de ser uma falsificação. Ora acontece que esse capacete foi analisado pela TasArte de Madrid, e o relatório dessa análise, que tem 21 páginas (!), elaborado pela Dr.^a Macarena María Moralejo Ortega, do Departamento de História e Teoria de Arte da Universidade Autónoma de Madrid, datou a peça do 1º milénio a.C. e lhe atribuiu um valor de 2 600 000 euros!...

Depois de ter visto a colecção de objectos, classificados como Ibéricos, que Joaquim Pessoa reuniu, ousei, pois, propor-lhe que deles se fizesse uma exposição. Sabia que era rematada ousadia, mas ousei. É que importava levantar claramente questões de que, à boca pequena, se falava: ¿qual a real proveniência dos ‘achados arqueológicos’ que dão nas vistas e que são, por isso, boa mercancia no comércio dos amadores de antiguidades? ...8 ▶

“Confesso o meu fascínio pelas antiguidades arqueológicas que – pelos mais diversos caminhos – entram no mercado de antiguidades. Com frequência, no passado, chegavam elas ao conhecimento de arqueólogos clarividentes, que as compravam e diligenciavam depois para que não saíssem de Portugal e, inclusive, fossem enriquecer o espólio dos museus. [...] O problema reside, obviamente, na autenticidade, porquanto as peças mais sedutoras são, sem dúvida, as mais apetecidas e contrafeitas!”



◀6... Chegou a ter nome essa programada mostra:
Voando sobre os Iberos! – como já aqui se referiu
 (Al-Madan Online, 23-2, 2020, p. 8).
 Para ressaltar a ideia de que não se pretendia uma declaração científica nua e crua, mas sim dar a conhecer um espólio existente no território português, dado como proveniente do território português. Na verdade, o proprietário dos objectos que constituiriam a exposição fora repetidamente aliciado a vender para o estrangeiro o que, também por gosto pessoal, ao longo de muitos anos fora colecionando, adquirido a quem lhe deu informações mais ou menos precisas da sua proveniência, do contexto e das circunstâncias (de tempo e de lugar) em que haviam sido exumadas. Peças claramente ibéricas achadas em sítios arqueológicos descobertos desde a margem direita do Rio Douro até Barcelos? Uma revolução histórica, dir-se-ia, quando tudo nos diz que nem sequer a Lusitânia tivera ocupação ibérica de vulto!... Peças autênticas? Sim, como tais lhas apresentaram. Cópias? Sim, essa é a opinião dos especialistas que eu consultei. Não sou conhecedor do assunto, é bem sabido; assumo-me, todavia, como estrénuo defensor do património cultural português e, confesso o meu pecado, esta colecção seduziu-me, como, de resto, me seduzira o que, no já longínquo 15 de Março de 1998, tivera oportunidade de ver, por mui especial deferência da sua directora, a minha querida Amiga Rubí E. Sanz Gamó, nas reservas do seu Museu de Albacete: que riqueza iconográfica, que imenso e estranho mundo de símbolos este dos Iberos e das suas inesquecíveis cerâmicas, envolvidas em tão encantadora beleza!... Que estupendo aglomerado urbano haviam logrado criar ali bem perto, no “Cerro del Castillo” (Lezuza), onde depois se ergueu a magnífica colónia romana de *Libisosa*, que, mui denodadamente, o meu colega e amigo Jose Uroz deu a conhecer!
 Garantiu-me Rubí que eu tinha aqui meras cópias: “*Cerámicas inspiradas, o no sé como, en lo ibérico*”, ainda que, na verdade, estejam longe da “*plástica ibérica, con el sentido de representación simbólica de la iconografía ibérica*”. E acrescentou: “*Hay imitaciones más o menos fidedignas e inspiraciones con fines comerciales, a veces desde las tiendas de los museos, pero realizadas como pequeños objetos de recuerdo*”.
 Nesse ‘mundo’ das cópias as colocou, portanto. Aconselhou-me, por isso, para salvaguarda do meu prestígio pessoal, a não comissariar a exposição.
 Uma peça que integraria a exposição é o conhecido relevo de um guerreiro ibérico apoiado na lança e uma mulher a fiar, encontrado na necrópole de La Albufereta, datável de finais do século IV a.C. A circunstância de ter sido roubado do Museo Arqueológico

Provincial de Alicante fez-me pensar, de imediato, que assim teria entrado no mercado antiquário e chegado aqui. Não é, de facto, a mesma; no entanto, como me explicou o Doutor Enric Verdú, “*pese a haber desaparecido, este relieve constituye un objeto muy conocido y que ha recibido la atención de investigadores desde hace décadas, lo que ha impedido su caída en el olvido*”.

Rafael Ramos, também consultado, arqueólogo, referiu-me que algumas das terracotas cujas fotografias lhe mostrei “*proceden de moldes mal extraídos y mal interpretados*” e que as cerâmicas reproduzem uma “*decoración deficiente copiada de modelos muy conocidos*”. Tendo sido responsável pelas escavações em La Alcudia, considerou que nem sequer eram fiéis as reproduções de peças daí provenientes.

A doutora Feliciano Sala Selles, catedrática de Arqueologia da Universidade de Alicante, acedeu ao meu pedido de tecer algumas considerações acerca da oportunidade de uma exposição com estas características: “*En la actual sociedad de la información, una exposición de copias y reproducciones de objetos arqueológicos y/o artísticos puede ser un producto más a añadir a la lista de eventos culturales que el público general demanda. Con una buena introducción a los contextos arqueológicos, históricos e incluso historiográficos de las piezas, una muestra de este tipo llega a satisfacer la curiosidad del público y alimentar su deseo de conocimiento*”.

Poderia ter sido esta, por conseguinte, uma primeira abordagem a dois mundos – e não apenas a um – sobre que ousaríamos ‘voar’, a fim de auscultar e sondar panorâmicas: o mundo dos colecionadores e o mundo dos Iberos.

Por óbices financeiros e de logística, a exposição não se concretizou. Creio, porém, que será legítimo manter pendente a questão: a cópia não poderia ter sido feita na época do original? É certo que a comparação poderá não ser a mais adequada; todavia, por exemplo, a semelhança de motivos representados em mosaicos não tem sido argumento para demonstrar falsificações, mas sim para mostrar que esses ‘cartões’ circulavam pelo Império Romano! Não poderia ter acontecido o mesmo com as esculturas ibéricas? E a afirmação de não haver evidências de cultura ibérica nas regiões setentrionais da Hispânia não poderá ‘amenizar-se’ com a expressão ‘por enquanto’?...

Joaquim Pessoa arriscou na colecção – e nós arriscar-nos-íamos também a mostrar o que continua a correr sério risco de nunca vir a ser mostrado entre nós! 🐼

José d’Encarnação, 28 de Abril de 2021